



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10344 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E REPERTÓRIOS CULTURAIS DA INFÂNCIA QUILOMBOLA

Susane Martins da Silva Castro - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Dinalva de Jesus Santana Macêdo - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E REPERTÓRIOS CULTURAIS DA INFÂNCIA QUILOMBOLA

RESUMO:

Este texto apresenta alguns resultados de uma pesquisa de mestrado, que objetivou analisar o modo como o currículo e as práticas pedagógicas da Educação Infantil dialogam com as culturas da infância em um contexto de uma comunidade quilombola. O *lócus* é uma escola pública municipal na comunidade negra rural quilombola de Sambaíba localizada no município de Riacho de Santana/BA. Trata-se de pesquisa qualitativa que utilizou de entrevistas semiestruturadas, conversas interativo-provocativas, diário de campo e escutas às crianças. Os sujeitos foram professoras, coordenadora pedagógica, mães, crianças, lideranças quilombolas e secretário municipal de educação. O estudo buscou questionar: de que modo o currículo e as práticas pedagógicas da Educação Infantil dialogam com as culturas da infância em um contexto de uma comunidade quilombola? Para análise dos dados recorreu-se da técnica de análise de conteúdo na modalidade temática. Devido ao grande número de dados, para este texto elegeu-se discutir o objetivo específico que propiciou escutar as crianças quilombolas para conhecer seus repertórios culturais. Os resultados evidenciaram que os repertórios culturais contemplados nas práticas pedagógicas não coadunam com as culturas da infância quilombola, tendo em vista a adoção de um currículo eurocêntrico, que promove o branqueamento das crianças.

PALAVRAS CHAVES Educação Infantil. Educação das Relações Étnico-Raciais. Culturas da Infância Quilombola.

1 INTRODUÇÃO

O universo infantil constitui-se de rico acervo cultural, fruto das aprendizagens infantis

que ocorrem em meio às interações e brincadeiras, mas para penetrar esse universo é preciso situar a criança em suas infâncias, localizando-as num tempo espaço, construído a partir da história, da geografia, da língua e da cultura de cada lugar em que a mesma vive, o que significa dizer que nem a criança, nem a infância são categorias universais e únicas.

Emanadas dessa compreensão, este texto apresenta algumas tessituras de uma pesquisa de mestrado que buscou analisar o modo como o currículo e as práticas pedagógicas da Educação Infantil dialogam com as culturas da infância em um contexto de uma comunidade quilombola. Para organização dos estudos os objetivos específicos foram: Conhecer as perspectivas de culturas da infância evidenciadas no contexto escolar, identificando a percepção das professoras e coordenadora sobre Educação Infantil e infância; Analisar como as práticas pedagógicas, o planejamento de ensino e o Projeto Político-Pedagógico da escola contemplam o repertório cultural das crianças quilombolas; Escutar as crianças quilombolas para conhecer seus repertórios culturais; Identificar a relação da escola com as comunidades quilombolas local.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada em uma Escola Pública Municipal da Educação Infantil localizada na comunidade quilombola de Sambaíba no município de Riacho Santana/BA, que está a aproximadamente 713,2 Km da capital baiana, via BA-026. A comunidade foi reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares em 30 de setembro de 2005. É importante salientar que a escola atende crianças de três comunidades quilombolas (Sambaíba, Rio do Tanque e Sambaíba de Caetitê).

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa entrevistas semiestruturadas, conversas interativo-provocativas, diário de campo e escutas às crianças. Os sujeitos foram professoras, coordenadora pedagógica, mães, crianças, lideranças quilombolas e secretário municipal de educação. Para a análise dos dados recorreu-se da análise de conteúdo na modalidade temática.

Diante de muitos dados para análise e discussão, elegemos para a escrita deste texto, as escutas feitas às crianças quilombolas para conhecer os seus repertórios culturais.

2. Educação Infantil em uma Comunidade Quilombola: indagações acerca das culturas da infância

A Educação Infantil reconhecida como primeira etapa da Educação Básica foi fundamental para a inserção de crianças de todas as etnias e classes sociais adentrarem a escola na mesma faixa-etária. Somando-se a essa conquista, destacamos também de grande importância a promulgação da Lei nº 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/08 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e particulares do país, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola aprovadas em 2012 que constituem em marcos regulatórios das políticas curriculares brasileiras, tendo em vista a promoção de uma educação antirracista.

Ademais, em se tratando de uma escola situada em uma comunidade quilombola, é necessário que o currículo e as práticas educativas dialoguem com os saberes tradicionais dos quilombolas, tendo em vista colaborar com o pertencimento étnico-racial das crianças, desde a Educação Infantil (BRASIL, 2012).

Diante desse contexto, considerando a criança como sujeito histórico, social e cultural,

que se constitui por meio de suas interações e seus pertencimentos, e que o currículo é compreendido como conjunto de práticas pedagógicas, que deve ser desenvolvido a partir dessas interações, torna-se premente que a Educação Infantil considere as diferenças existentes entre as crianças e seus grupos de origens e, sobretudo, propicie oportunidades para que todas as crianças tenham as mesmas condições de tratamento e de educação. Corroborando com Macedo (2016) as culturas infantis não são construídas no vazio, elas são componentes da totalidade estando em relação direta com o que é produzido por crianças, jovens, adultos e velhos, elas estão no mundo, e não em um mundo à parte, assim, escutar seus repertórios, conhecer suas vivências contribui para que as culturas da comunidade quilombola sejam valorizadas.

Nessa perspectiva, é importante que o trabalho na Educação Infantil considere as crianças em seus contextos e histórias, compreendendo-as como sujeitos ativos que têm culturas próprias, e que para documentá-la é preciso participar. Nossas escutas ocorreram por meio das conversas interativo-provocativas^[1] que impulsionaram o brincar investigativo. Inspiradas pelo poeta Manoel de Barros em seu livro “Meu quintal é maior que o mundo”, fomos instigando as crianças a explorarem suas casas, os arredores, visitarem a comunidade. Recebemos como retorno desenhos, pinturas, mensagens que retrataram a sua comunidade. Fomos conhecendo a diversidade de árvores existentes na comunidade. “Tem planta, tem pé de manga, tem capim... minha mãe tem muita rosa, minha mãe gosta de flor”. A variedade de animais: “Tem bicho, tem boi, tem galinha... minha mãe cria porco”.

As escutas nos possibilitaram ainda conhecer os brinquedos e brincadeiras que as crianças gostam, assim escutamos que as mesmas brincam de casinha, de carrinho, de bola e de boneca, mas que gostam mesmo é de subir nas árvores, de quando as mães estão nas casas de farinha de brincar com as outras crianças da comunidade. Que também gostam muito quando as mães dançam a ciranda de roda. "Minha mãe veste uma saia rodada, cheia de flores, quando eu crescer vou ter uma saia igual a de minha mãe" ouvimos também que só as mulheres dançam o samba de roda. Nos relatos das mesmas percebia-se o quanto admiravam a vida na comunidade. Eram falas carregadas de sentidos e significados, mas sobretudo que retratavam os repertórios culturais ali existentes.

O olhar sobre os elementos que compõem a natureza retratando o lugar de beleza exuberante, a relação que faz com o que veem e o que a família produz, demonstra o quanto as crianças são protagonistas nesse lugar de pertença.

O brincar livre com a natureza possibilita as crianças se socializarem e interagirem consigo mesma e com os outros. Ao manipular objetos as crianças exprimem as suas experiências, representam pais e mães, transformam linguagens extraídas do convívio com os adultos em repertórios infantis. As escutas nos possibilitaram conhecer as vivências que dão cor, forma, sabor ao lugar, tendo em vista que, a forma com que brincam dialoga com as suas vivências diárias, em família, na escola e na comunidade. Por ser um universo rico a ser explorado, possibilita vivenciar os ciclos da vida: terra, água, fogo e ar. Por meio dessas brincadeiras as crianças nos contam das suas travessuras.

Buscamos também conhecer os repertórios culturais advindos do trabalho pedagógico das professoras, indagamos sobre as histórias infantis que mais gostam de ouvir. Foram as próprias crianças que apresentaram a história de Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela e a história de Cachinhos Dourados. Essas histórias apresentadas pelas crianças nos possibilitaram conhecer o repertório cultural que as crianças desfrutavam na escola distanciando-se dos repertórios culturais local, colaborando para que as culturas das

infâncias quilombolas sejam aos poucos substituídas. De acordo Gomes (2007, p. 32),

A cultura é aprendida. Poderíamos dizer que ela não é herança inexorável dos indivíduos, senão são os próprios que devem realizar percursos de inserção (aprendizagem) na cultura do seu grupo. Um ser humano que não tenha essa possibilidade, isto é, alguém que não cresça em contato com qualquer cultura, dentro de um grupo humano, sozinho não reinventa a cultura do seu grupo e nem inventa a sua própria – posto que se trata de algo da ordem social e do coletivo.

A ausência de repertórios culturais que dialoguem com as culturas quilombolas contribui para que as tradições da comunidade pouco a pouco se percam, ou substituídas e invisibilizadas, por outras referências. Nesse sentido, coadunado com Macêdo (2015) reconhecemos que é preciso descolonizar o currículo para garantir uma escola que tenha a cara do quilombo, que contemple em suas práticas pedagógicas os repertórios culturais infantis, os valores, os costumes, os saberes, a memória, o modo de vida, a história e a cultura de suas comunidades. Para Abramowicz (2018, p. 41),

A escola de Educação Infantil tem como função prioritária promover as infâncias. O desafio posto para o professor da Educação Infantil é propor uma educação cujas práticas educativas não impeçam a criação, mas a implementem. Portanto o desafio é o de implementar o exercício da infância e do pensamento.

Neste sentido, a Escola do quilombo necessita promover o fortalecimento da Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil para que assim se efetive o que as leis e normativas orientam: Uma Escola do Quilombo com repertórios culturais próprios em seus currículos e práticas.

Algumas Considerações

Este texto buscou apresentar breves tessituras de uma dissertação de mestrado, a partir das escutas realizadas com de crianças quilombolas para conhecer os seus repertórios culturais.

Os resultados evidenciaram que os repertórios culturais contemplados no currículo e nas práticas pedagógicas não coadunam com as culturas da infância quilombola, tendo em vista a adoção de um currículo eurocêntrico, que promove o branqueamento das crianças por meio das linguagens utilizadas, pois os repertórios culturais escolhidos pela escola para promover a fantasia e a imaginação das crianças não dialogam com o contexto sociocultural dos quilombos. Nessa direção, Cavaleiro (2018, p. 20) “o silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade e os negros como sinônimo de desigual e inferior.”

Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico da escola não tem dado conta de inserir as culturas da infância quilombola em seus contextos de sala de aula. A afirmativa dá-se em função das escutas realizadas junto às crianças, todavia faz-se importante ressaltar que nas conversas interativo-provocativas com as mães e as lideranças quilombolas pudemos perceber que as mesmas acreditam na escola e que a mesma contribui de forma favorável para que as crianças possam produzir seus repertórios culturais aliados às suas origens, garantindo assim a preservação das identidades quilombolas e o sentimento de pertença.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete, HENRIQUES, Afonso Canella (Orgs.). **Educação Infantil: a luta pela infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2018.
- BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**, Brasília, DF, 2012.
- CAVALEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.
- GOMES, Ana Maria Rabelo. **Aprender a cultura**. In: GUTIERREZ, A.; LOUREIRO, H.; FIGUEIREDO, B. *Cultura e Educação: parceria que faz história*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MAO, 2007. p. 29-43.
- MACÊDO. Dinalva de Jesus Santana. **Educação em comunidades quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/Ba**: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. Salvador, 2015.
- MACEDO, Elina Elias de. **Crianças pequenininhas e a luta de classes**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

[1] *A conversa provocativo-provocativa* é um instrumento de produção de informações criado pelo professor Dr. Cláudio Pinto Nunes, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e está citado na dissertação de Mestrado de Jany Rodrigues Prado, *Os Sentidos que professores da Educação Infantil do município de Guanambi-BA atribuem a sua condição de trabalho docente defendida no ano de 2018*.